



TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS NO ENSINO DA SEXUALIDADE: UM MAPEAMENTO SISTEMÁTICO DE PRÁTICAS E PERFIS PROFISSIONAIS

*Eixo Temático 17 – GÊNERO, SEXUALIDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS:
VOZES, RESISTÊNCIA E PRÁTICAS NA CONTEMPORANEIDADE*

Mirian Pacheco Silva Albrecht ¹

RESUMO

A pesquisa investigou a intersecção entre Educação Sexual e Tecnologia Educacional por meio de um mapeamento sistemático nas bases Scielo, Periódicos Capes e LiLACS, de 1998 a 2022. Foram selecionados oito artigos sobre o uso de tecnologias no ensino da sexualidade, destacando tipos de tecnologias e perfis profissionais. Cinco estudos abordam tecnologias não digitais, como jogos e oficinas, e três tratam de tecnologias digitais, como blogs e plataformas. As tecnologias foram usadas para promover reflexões sobre ISTs, sexualidade e saúde reprodutiva. A maioria dos artigos é da área da saúde, especialmente enfermagem. Apenas três foram conduzidos por pesquisadores da educação, sugerindo a necessidade de ampliar o uso do conceito de Tecnologia Educacional entre educadores.

Palavras-chave: Educação Sexual, Tecnologia educacional, Ensino interdisciplinar.

INTRODUÇÃO

A utilização das tecnologias educacionais no contexto escolar tem se intensificado nas últimas décadas, principalmente diante das transformações sociais, culturais e digitais que estão intrinsicamente relacionadas ao nosso modo de viver, aprender e nos relacionar. No campo da Educação Sexual, as tecnologias educacionais impactam diretamente as interações em sala de aula e as necessidades formativas dos estudantes.

¹ Professora Associada na Universidade Federal do ABC- UFABC, mirian.pacheco@ufabc.edu.br



Considerando a importância desse cenário, esta pesquisa realizou um mapeamento sistemático da produção acadêmica sobre o uso de tecnologias educacionais no ensino da sexualidade, com o objetivo de identificar práticas utilizadas e os perfis profissionais envolvidos em sua aplicação. A escolha pelo mapeamento sistemático justifica-se pela necessidade de reunir, organizar e analisar criticamente os estudos disponíveis sobre o tema, oferecendo uma visão abrangente do campo e contribuindo para a qualificação das práticas pedagógicas.

A análise dos estudos revelou a presença de tecnologias educacionais tanto digitais (blogs, plataformas virtuais, narrativas digitais) quanto não digitais (jogos de tabuleiro, oficinas educativas), utilizadas principalmente como estratégias de sensibilização e promoção de discussões sobre sexualidade, prevenção de ISTs e saúde reprodutiva. Vale ressaltar que a maior parte dos trabalhos foi desenvolvida por profissionais da saúde, especialmente da enfermagem, enquanto apenas uma parcela menor teve autoria de educadores.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa a opção metodológica foi pela abordagem de mapeamento sistemático da literatura, com o objetivo de identificar e analisar produções acadêmicas que abordam o uso de tecnologias educacionais no ensino da sexualidade. O mapeamento sistemático é uma estratégia metodológica que permite reunir, organizar e sintetizar o conhecimento disponível sobre determinado tema, com base em critérios definidos de busca, inclusão e exclusão (KITCHENHAM, 2007).

O processo de busca bibliográfica ocorreu entre os meses de junho a agosto de 2022 e foi realizado nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos da Capes, Scielo e LILACS. Foram selecionados artigos identificados como estudos originais realizados no período entre 1998 e 2022. O recorte temporal iniciou-se após o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais e se estendeu até o presente ano.

Para a busca dos dados, utilizamos as palavras-chave “Educação Sexual” (3.364 PPC, 553 Scielo, 3.725 LiLACS) e “tecnologia educacional” (6.350 PPC, 460 Scielo,



1404 LiLACS). Utilizamos a *string* de busca: (“Educação Sexual”) AND (Tecnologia) AND (digital OR educacional). Com a aplicação da *String* de busca, e após a exclusão dos duplicados, obtivemos 57 resultados.

Para a análise dos resultados da *String*, adotamos como critérios de inclusão a seleção de artigos publicados em português e a disponibilidade de texto completo. Os critérios de exclusão foram a duplicidade e a não-disponibilidade para download na íntegra, bem como o caráter de tese, dissertação ou monografia e os trabalhos que não contemplavam o contexto educacional ou não estavam relacionados ao foco desta pesquisa.

Na identificação, verificamos se havia algum artigo duplicado e, após a exclusão de um, totalizaram-se 56 artigos. Na triagem, realizamos a leitura do título e resumo, selecionando 14 artigos completos e publicados em português. Durante a elegibilidade excluímos 32 artigos que não estavam relacionados ao tema, totalizando 8 artigos, os quais foram incluídos para análise na pesquisa.

Quando comparado com pesquisas em outras temáticas da educação, o resultado de 8 artigos pode parecer baixo, porém há poucas publicações na área da sexualidade. Em uma pesquisa sobre saúde sexual, realizada por Germano et al. (2020), foi constatado que o Brasil possui 9 artigos e representa o país com o maior número de artigos publicados, seguido pelo México com 2 e a Colômbia com 1, "demonstrando a escassez e a necessidade de mais publicações sobre este assunto em todos os países do mundo." (Germano et al., 2020, p. 4)

Além disso, ressaltamos que uma limitação deste estudo está relacionada à diversidade de palavras-chave que podem ser combinadas aos termos "sexual" ou "tecnologia" nas bases de dados, e que podem simultaneamente ter excluído artigos que preencheriam os critérios de inclusão.

Considerando os objetivos do estudo, após o download das produções selecionadas, os artigos foram estudados para familiarização com os dados e realização da análise temática, conforme proposto por Braun e Clarke (2006). Pelo fato de os artigos estarem nas bases de dados, em espaços públicos, aberto e de acesso livre aos



interessados, não houve necessidade de autorização do comitê de ética ou autorização dos autores que os originaram.

REFERENCIAL TEÓRICO

No campo da educação, as tecnologias digitais têm contribuído significativamente para a formação de professores, possibilitando novas formas de ensinar e aprender. Santos et al. (2014) apontam para uma mudança na concepção de ensino e aprendizagem a partir da interlocução entre tecnologia e discussões sobre sexualidade.

Tecnologias analógicas, como o quadro, o papel e a caneta, já fazem parte da rotina docente há muito tempo. No entanto, o uso de tecnologias digitais é algo mais recente. Melo (2020) defende a criação de novas metodologias e materiais pedagógicos voltados à Educação Sexual, com base no uso das tecnologias de informação e comunicação. No entanto, a adoção dessas tecnologias exige formação docente contínua e planejamento pedagógico consistente.

Ao tratar do uso de tecnologias educacionais voltadas para temas específicos, é necessário considerar a Educação Sexual. Neste aspecto, compreendemos a sexualidade como um processo construído ao longo da vida humana. Por sua natureza, o ser humano é sexuado e expressa sua sexualidade em todas as fases da vida, ainda que de formas distintas.

Nesse sentido, a Educação Sexual deve ser pensada como um processo contínuo, que se desenvolve ao longo da vida e está permeado por questões sociais, históricas e culturais. Envolve diversas dimensões da existência e contribui para a formação de valores e atitudes (LOURO, 2008).

Segundo Silva (2007), as ações relacionadas à Educação Sexual podem ocorrer de modo informal ou formal. De maneira informal, acontecem geralmente no ambiente em que a criança nasce e se desenvolve, sendo a família a principal responsável. As ações formais de Educação Sexual ocorrem, principalmente, nas escolas e instituições de



ensino, por meio de práticas pedagógicas planejadas intencionalmente (FIGUEIRÓ, 2014). No entanto, não cabe ao professor tratar da sexualidade com base em valores pessoais. (BRASIL, 1998)

Dessa forma, é responsabilidade do professor trabalhar a Educação Sexual de modo formal, com base em fundamentos teóricos e científicos, tratando o tema com ética e de forma transversal. Porém, muitas das ações voltadas à Educação Sexual têm sido conduzidas por profissionais da saúde, especialmente em projetos intersetoriais de prevenção às ISTs e à gravidez na adolescência.

Embora essa atuação seja relevante, ela também revela uma lacuna na formação dos educadores em relação ao tema. Como afirma Paulo Freire (1996), o educador deve atuar como um agente emancipador, promovendo processos críticos e não apenas reproduzindo conteúdos técnicos. A articulação entre os campos da saúde e da educação pode enriquecer as práticas pedagógicas, desde que o professor assuma seu papel no planejamento e na condução das ações educativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada nas bases de dados Portal de Periódicos da Capes, Scielo e LiLACS. O intuito foi verificar artigos sobre os temas referentes à Educação Sexual e tecnologia educacional. Utilizamos os procedimentos do mapeamento sistemático e delimitamos o período de 1998 até 2022. Seguem os artigos selecionados indicando ano, título, autores, periódicos e base de cada artigo:

1. 2003. Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. Simone Souza Monteiro, Eliane Portes Vargas, Sandra Monteiro Rebello. Educação & Sociedade [online]. SCIELO.
2. 2009. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. Fabiane A. Gubert, Ana C. L. Santos, Katiana A. Aragão, Dayse. R. Pereira; Neiva. C. Vieira; Patricia. C. Pinheiro. Revista eletrônica de enfermagem. LiLACS.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

3. 2010. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS. Stella M. Barbosa, Fernanda L. A. Dias, Ana K. B. Pinheiro, Patrícia N. C. Pinheiro, Neiva F. C. Vieira. Revista eletrônica de enfermagem. LiLACS.
4. 2013. Blogs escolares sobre sexualidade: estudo exploratório documental. Gabriela Petró Valli, Ana Luísa Petersen Cogo. Revista gaúcha de enfermagem. LiLACS.
5. 2015. Educação Em Sexualidade No Contexto Da Extensão Universitária: O Jogo Como Prática De Intervenção. José R. S. Brêtas, Luiz F. Zanatta, Maria J. D. Freitas, Silvia P. Moraes, Juliana B. Moraes, Ana M. L. Godoi, Lais S. Ricardo. Revista Ciência Em Extensão. Portal de Periódico da Capes.
6. 2016. Histórias e Narrativas Digitais na Educação Sexual da Infância: Possibilidades e Limitações. Luciana Kornatzki, Maria Isabel Seixas da Cunha Chagas. Perspectiva. Portal de Periódico da Capes.
7. 2019. Reflexões Sobre as Interfaces Entre Ações Formativas EDUSEX E as Tecnologias Digitais: Um Estudo De Caso Interpretativo-dialético. Sônia Maria Martins de Melo, Mônica Wendhausen. Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação. Portal de Periódico da Capes
8. 2021. Validação da tecnologia educacional “abuso não vai rolar” para as jovens com deficiência intelectual. Keise Bastos G. Nóbrega, Maria Wanderleya de Lavor Coriolano Marinus, Rosalie Barreto Belian, Daniela Tavares Gontijo.. Ciência & Saúde Coletiva [online]. Scielo.

As tecnologias educacionais identificadas nos estudos analisados são apresentadas a seguir, acompanhadas de uma descrição, copiada na íntegra ou sintetizada, conforme foram apresentadas pelos autores ao longo dos artigos. Essa sistematização permite compreender as abordagens adotadas na integração de recursos tecnológicos ao ensino da sexualidade, evidenciando tendências, potencialidades e desafios relatados na literatura.

1. Jogo da Onda - Jogo sobre a prevenção contra HIV/AIDS e uso de drogas. Jogo para dupla. *Aborda temas relacionados ao uso de drogas, tais como: conceitos e efeitos de drogas lícitas e ilícitas; legislação brasileira, políticas preventivas,*



relacionamento familiar e amoroso, práticas sexuais, conflitos pessoais, AIDS, pressão social do grupo, entre outros. (MONTEIRO et al, 2003 p. 661).

2. Oficinas educativas apoiadas no Círculo de Cultura (Modelo Pedagógico de Paulo Freire). *As tecnologias neste estudo se referem às estratégias educacionais utilizadas para estimular comportamentos saudáveis através da aprendizagem de habilidades para os cuidados da saúde no enfrentamento do processo de saúde-doença entre adolescentes, nos agravos que requerem mudanças permanentes ou temporárias e na percepção de risco e/ou vulnerabilidade frente a DST/HIV/AIDS e gravidez precoce. (GUBERT et al., 2009, p.166-7).*
3. Jogo do estilo dominó, que contém 30 peças com perguntas e respostas. *Jogo para o mínimo de duas pessoas. Aborda temas relacionados à sexualidade dos adolescentes, tais como: conceitos da anatomia feminina e masculina, puberdade e adolescência, sexo/sexualidade, DST/HIV/AIDS, gravidez e meios de prevenção. (BARBOSA, 2010, p.338).*
4. Blogs. *Recurso do meio digital que favorece o exercício da argumentação e a exposição da opinião entre grupos de adolescentes, o que muitas vezes fica prejudicado em sala de aula, ainda mais quando se trata da discussão de um assunto polêmico como a sexualidade. (VALLI e COGO, 2013, p.33)*
5. Jogo de tabuleiro: SEXGAME. *Desenvolvido com a finalidade de ser uma nova tecnologia educacional pedagógica para promoção e prevenção em saúde, sobre a temática corpo e sexualidade. (BRÊTAS, et al, 2015, p.24)*
6. Narrativas digitais. *As narrativas digitais, que possibilitam a relação entre história e tecnologias digitais, podem contribuir na inserção das Tecnologias Digitais na escola e em propostas em educação sexual. (KORNATZKI e CHAGAS, 2015, p. 1041)*
7. Moodle, Programa de rádio, Videoaulas, Mídiateca, Facebook, Cadernos pedagógicos. *As ações formativas experienciadas e realizadas pelo Grupo de Pesquisa EDUSEX, Formação de Educadores em Educação Sexual*



CNPq/UEDESC – Brasil, em suas interfaces hoje com as tecnologias digitais, bem como o trânsito progressivo de modelos de formação e práticas de ensino e aprendizagem expositivas para possibilidades mais interativas, apoiadas nas novas tecnologias numa perspectiva de aprender fazendo. (MELO e WENDHAUSEN, 2019, p.1491).

8. Livro ilustrado, dois bonecos sexualizados (homem e mulher), e material de apoio nos formatos de livreto e vídeo explicativo. *O livro apresenta as histórias de Leca, uma adolescente com DI, que vivencia aspectos relacionados à sexualidade de forma segura e saudável, com o adolescente Edu.* (NÓBREGA et al. 2021, p. 2795).

A análise temática dos artigos apontou como resultado duas categorias principais: tipos de tecnologias educacionais e profissionais que pesquisaram as tecnologias educacionais.

Tipos de tecnologias educacionais

Foram identificados 04 trabalhos que apontaram para tecnologias educacionais não digitais (MONTEIRO et al., 2003; GUBERT et al., 2009; BARBOSA, et al, 2010; BRÊTAS, et al, 2015) e 03 trabalhos que apontaram para tecnologias educacionais digitais (VALLI e COGO, 2013; KORNATZKI e CHAGAS, 2015; MELO e WENDHAUSEN, 2019). Apenas o trabalho de NÓBREGA et al. 2021 descreveu sobre os dois tipos de tecnologias educacionais. Elas estão geralmente relacionadas ao desenvolvimento de atividades grupais envolvendo discussão sobre o tema.

Os instrumentos e recursos descritos para o desenvolvimento das atividades apontam para a utilização de meios mais simples, como jogos de tabuleiro, até a utilização de meios mais complexos, como utilização de ambientes virtuais. Dentre os 08 artigos selecionados para o estudo, 03 apontaram jogos como sendo uma tecnologia educacional adequada para o contexto escolar. Os demais artigos apontaram para meios variados como: oficinas, blogs, narrativas digitais, Moodle, programa de rádio, videoaulas, midiateca, Facebook, cadernos pedagógicos, livro ilustrado, bonecos sexualizados, livreto e vídeo explicativo.



Reconhecendo que o uso de jogos para a abordagem da temática da sexualidade constitui uma excelente tecnologia educacional que pode ser utilizada por professores, é importante reconhecer, também, que não é qualquer jogo que pode ser utilizado para o ensino de qualquer conteúdo, alguns jogos são mais adequados a determinados conteúdos do que outros.

Santos (2018, p.26) aponta que "(...) uma crítica que surge quanto aos jogos digitais educacionais é o 'engessamento' quanto à abordagem dos conteúdos. (...) Para tanto, se faz necessário também discutir como agregar, em uma mesma mídia, entretenimento e conteúdos escolares." É importante que o professor faça uma análise de qual jogo se adequa à disciplina. Segundo Varela (2014, p. 84), "tal processo de análise dos jogos online, contudo, ainda tem sido pouco abordado pelos estudos de sexualidade e de Educação Sexual de crianças."

Ao utilizar jogos durante o ensino, o professor desempenha o papel de mediador do processo de aprendizagem, propiciando aos alunos o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas a partir da aplicação do conhecimento adquirido. O jogo, segundo Brêtas et al. (2015), possibilita a participação, a interação entre os jogadores e as trocas intergrupais e individuais, promovendo uma aprendizagem ativa para os sujeitos.

5.1.2 Profissionais que pesquisaram as tecnologias educacionais

Três estudos foram descritos por profissionais da área de educação (MONTEIRO et al., 2003; KORNATZKI e CHAGAS, 2015; MELO e WENDHAUSEN, 2019), e os outros 05 estudos foram descritos por profissionais da saúde (GUBERT et al., 2009; BARBOSA, et al, 2010; BRÊTAS, et al., 2015, VALLI e COGO, 2013; NÓBREGA et al. 2021).

Notamos que os artigos publicados pelos profissionais da educação foram escritos por 2 ou 3 autores. Já os artigos escritos por profissionais da área da enfermagem foram escritos por um maior número de autores. No total de todos os artigos encontramos 31 pesquisadores, sendo 7 na área da educação e 24 na área da



enfermagem. Em relação ao gênero, são 29 pesquisadoras do sexo feminino e apenas 2 pesquisadores do sexo masculino.

Sabemos que a expressão Tecnologia Educacional possui vários sinônimos. No entanto, ainda tem sido pouco utilizada pelos profissionais da educação. Não sabemos se há pouca familiaridade dos professores com essa expressão ou se os professores apenas preferem a utilização de expressões como material didático, recurso didático e estratégias didáticas, para relatarem sobre processos de ensino e aprendizagem que utilizam tecnologias educacionais.

Por outro lado, percebemos que, entre os profissionais da enfermagem, a utilização da expressão Tecnologia Educacional é bastante comum, sendo utilizada para se referir aos processos educativos. Portanto, apontamos para a importância de uma maior popularização da expressão “Tecnologia Educacional” entre os profissionais da Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias educacionais vêm sendo incorporadas de maneira crescente às práticas pedagógicas voltadas ao ensino da sexualidade. A diversidade de recursos identificados, tanto digitais quanto não digitais, revela a criatividade e a adaptação dos profissionais diante das demandas formativas e dos contextos socioculturais específicos.

No entanto, os resultados desta pesquisa reforçam a necessidade de ampliar o entendimento e a utilização do conceito de tecnologia educacional no campo da educação, para além dos artefatos digitais, reconhecendo também os processos pedagógicos mediados por recursos analógicos e interativos.

A predominância de produções oriundas da área da saúde, em detrimento da educação, aponta para a necessidade de maior protagonismo dos profissionais da educação nesse campo, bem como, o estabelecimento de um diálogo mais efetivo entre saúde e educação.



Dessa forma, este estudo contribui para o fortalecimento de uma abordagem interdisciplinar e para a ampliação do repertório de práticas educacionais que valorizem o uso crítico das tecnologias no ensino da sexualidade. Por fim, ressaltamos a importância do desenvolvimento de mais pesquisas que possam investigar o potencial das tecnologias para promover uma educação sexual mais acessível, inclusiva e significativa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, S. M.; DIAS, F. L. A.; PINHEIRO, A. K. B.; PINHEIRO, P. N. da C.; VIEIRA, N. F. C. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/AIDS. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 12, n. 2, p. 337–41, 2010. DOI: 10.5216/ree.v12i2.6710.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998

BRÊTAS, J. R. S. et al. Educação em sexualidade no contexto da extensão universitária: o jogo como prática de intervenção. **Rev. Ciênc. Ext.** v. 11, n. 2, p. 21- 37, 2015.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** 2 ed. Londrina: Eduel, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 25. Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

GERMANO S. N. F.; RODRIGUES A. A.; BESSA F. B.; MATOS P. H. L.; EVANGELISTA S. e S. Tecnologias educacionais aplicadas à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes de escolas públicas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 11, p. e3825, 13 ago. 2020.

GUBERT, F. do A.; SANTOS, A. C. L. dos.; ARAGÃO, K. A.; PEREIRA, D. C. R.; VIEIRA, N. F. C.; PINHEIRO, P. N. da C. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 11, n. 1, 2017. DOI: 10.5216/ree.v11.46914.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições** [online]. 2008, v. 19, n. 2, pp. 17-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103->



73072008000200003>. Epub 17 Set 2010. ISSN 1980-6248.
<https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200003>. Acesso em: 25/03/2025.

KITCHENHAM, B. Guidelines for performing Systematic Literature Reviews in Software Engineering: Version 2.3. In: **EBSE Technical Report**. School of Computer Science and Mathematics, Keele University. 2007.

KORNATZKI, L.; CHAGAS, M. I. S. C. Histórias e narrativas digitais na Educação Sexual da infância: possibilidades e limitações. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1041-1068, dez. 2015. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-54732015000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25/03/2025

MELO, S. M. M. de.; WENDHAUSEN, M. Reflexões sobre as interfaces entre ações formativas EDUSEX e as tecnologias digitais: um estudo de caso interpretativo-dialético. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.l.], p. 1480-1499, june 2019. ISSN 1982-5587. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12612/9459> Acesso em: 25/03/2025.

MELO, S. M. M. Formação do educador a distância: interfaces com a Educação Sexual. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2020. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/393 Acesso em: 25/03/2025.

MONTEIRO, S.S.; VARGAS, E. P.; REBELLO, S. M. Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. **Educação & Sociedade** [online]. v. 24, n. 83 pp. 659-678. 2003.

NÓBREGA, K. B. G.; MARINUS, M. W. L. C.; BELIAN, R. B.; GONTIJO, D. T. Validação da tecnologia educacional “abuso não vai rolar” para as jovens com deficiência intelectual. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2021, v. 26, n. 07 pp. 2793-2806. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.09032021>>. Acesso em 25/03/2025.

SANTOS, K. S.; LIMA, R. R.; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. **TIC e as discussões sobre sexualidade na escola**: o subsídio da tecnologia na ampliação dos debates. *Temática*, v.10, n.12, dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/22144> Acesso em: 25/03/2025.

SILVA, M. P. **Memórias de professore(a)s sobre sexualidade e o currículo como narrativa**. 2007. 156 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

VALLI, G. P.; COGO, A. L. P. Blogs escolares sobre sexualidade: estudo exploratório documental. **Revista Gaúcha de Enfermagem** [online]. 2013, v. 34, n. 3 pp. 31-37.



Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000300004>>. Acesso em: 25/03/2025